

# O *languageman*

Em seu novo livro, Alberto Pucheu se inspira na comunicação e nas quebras efêmeras do cotidiano para retratar a cidade

PATRICIA HOMSI

Após um hiato de cerca de sete anos desde a produção dos poemas de *A fronteira desguarnecida* (Azougue Editorial, 2007), Alberto Pucheu explora novamente a cidade e sua dimensão política nos textos de *Mais cotidiano que o cotidiano*. A seleção temática do livro do poeta de 47 anos, que também é professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, passa pela política, o surfe e as relações amorosas, mantendo a inspiração nos momentos de libertação da rotina, em que se pode ir além do cotidiano, como sugere o título.

Ao transcender a rotina por meio da linguagem, Pucheu se baseia no conceito polinésio de *waterman* – o surfista que tem o oceano como seu ambiente natural –, para criar uma variação do termo em seu ambiente literário, considerando-se

um *languageman*. O poeta utiliza como influência as mais variadas formas de comunicação: da troca de e-mail com os amigos às gírias dos surfistas. Destes recortes cotidianos, Pucheu extrai os elementos que compõem sua poesia.

Sua motivação fica clara no “Poema para ser lido na posse do presidente”, publicado originalmente no caderno *Prosa e Verso*, do jornal *O Globo*, em que fala da saliva como “o suor das palavras não ditas”. Trazido “do anonimato das ruas para o poema”, como informa o poeta (leia a entrevista abaixo), o verso faz parte do projeto *As palavras*, em que Pucheu fotografou inscrições em muros de cidades, e, para ele, revela a intenção da própria poesia. Em detrimento da sobrecarga de coisas ditas, são as sensações do não dito que incentivam o fazer literário. ■

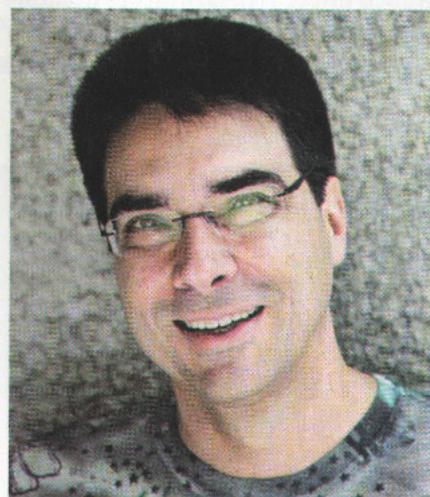


**Mais cotidiano  
que o cotidiano**

Alberto Pucheu

Azougue Editorial

112 págs. – R\$ 36,90



Marcelo Correa

## CONVERSA COM O POETA

**CULT** – Como funcionou o processo de seleção de textos do *Mais cotidiano que o cotidiano*?

Fiquei sete ou oito anos sem escrever uma linha de poesia. Não escrevo muitos para depois selecionar alguns entre eles. Escrevo aquilo que sinto ter a força para virar um poema. O que não tem, nem nasce, ou é logo abortado, descartado. O primeiro poema que surgiu foi “Tow in”, o segundo do livro, que começa com cinco poemas a partir do surfe. O que me interessa no “Tow in” é a radicalidade dele, o expor-se a todos os limites e à morte nesse fazer que se vincula a ondas de mais de trinta metros. Lá, o estilo não é mais do que a capacidade para descer a onda sem morrer, para lidar com o informe com o mínimo necessário que é uma prancha. A prancha é o poema. E nós, os poetas, os surfistas.

Você acha que esse homem vazio, do cotidiano, é preenchido por o quê?

Esse homem está, na maior parte do tempo, preenchido de identidades, obrigações, certezas, frases feitas, sentimentos já sentidos, afetos já vividos, informações, imaginários. Esse homem está repleto, enrijecido, fixado pelo excesso de coisas que o compõe. Mas nele, ou seja, em cada um de nós, há esses momentos de esvaziamento, que ocorrem quando menos se espera, como quando se caminha por uma rua e, subitamente, uma abertura se instaura. Se o cotidiano é associado à repetição automatizada do dia-a-dia, me veio esse termo que acabou sendo o título do livro: mais cotidiano que o cotidiano. Não tenho dúvidas de que a poesia é um caminho de vida que nos ensina a permanecer mais tempo nessa abertura, nesse mais cotidiano que o cotidiano.